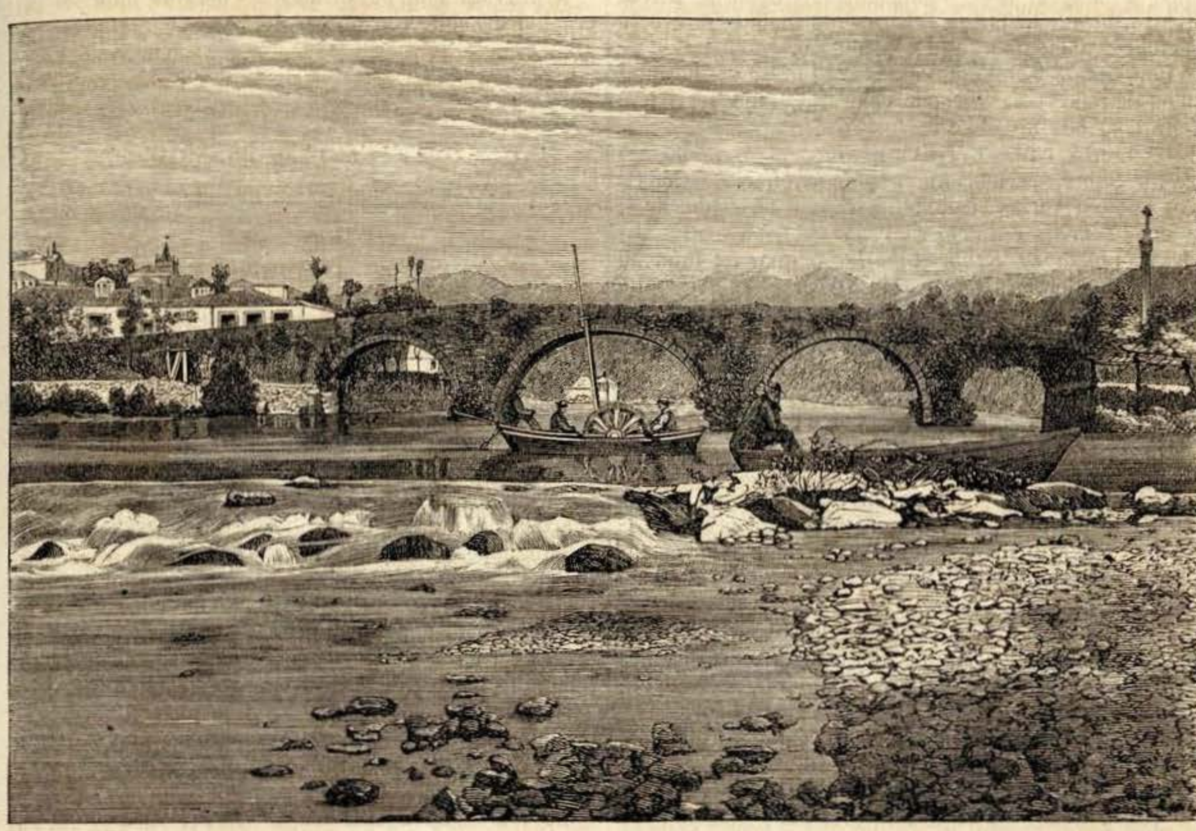


Villa dos Arcos de Val de Vez

Está edificada esta povoação em terreno elevado, junto ao rio Vez, no coração da provincia do Minho. É desconhecida a historia da sua fundação, sabendo-se apenas que data de muita antiguidade. Querem alguns escriptores que já existisse no tempo dos romanos, e que estes a denominavam *Arcobrica*. Entretanto, não ha padrão nem documento authentico que abone esta opinião.

A noticia escripta mais antiga que se encontra a seu respeito é de uma batalha que alcançou D. Affonso Henriques, sendo ainda infante, no anno de 1128, contra os castelhanos, junto á povoação dos Arcos de Val de Vez.

Por esta occasião deu-lhe foral de villa o dito soberano, e dizem que, agradecido pelo auxilio que lhe prestaram os seus moradores n'aquelle combate, mandára construir na praça principal da villa um nobre edificio levantado sobre arcos, para servir de séde ao governo da mesma.

Os auctores que referem esta circunstancia pretendem que d'estes arcos, e da situação da villa no valle banhado pelo rio Vez, lhe viera o nome de *Arcos de Val de Vez*. Outros, porém, presumem que tal nome se derivou de uns arcos festivaes com que os habitantes receberam e applaudiram a el-rei D. Manuel, quando por alli passou na romaria que fez a S. Thiago de Compostella.

N'estas questões de etymologia, sempre difficeis e escuras, succede quasi sempre, como talvez no presente caso, não estar a razão de nenhum dos lados. A ultima opinião, principalmente, é inacceitavel, porque em documentos anteriores ao reinado de D. Manuel se acha esta povoação nomeada *Arcos de Val de Vez*.

Não ha dúvida que este monarcha fez por alli caminho na sua viagem a S. Thiago; e que tão penhorado ficou com a recepção jubilosa e festiva que lhe fizeram, que, em demonstração do seu reconhecimento, reformou e amplificou o antigo foral com alguns novos privilegios, e deu á villa, por brazão de armas, o escudo das armas reaes entre a esphera armillar e a cruz da ordem de Christo, que eram as divisas d'este soberano.

No tempo da usurpação de Castella, D. Filippe III fez esta villa cabeça de condado, no anno de 1620, em favor de D. Luiz de Brito e Lima, cuja descendencia masculina se extinguiu em seu filho, 2.º conde dos Arcos. Passou depois este titulo a D. Thomaz de Nóronha, que foi 3.º conde, por sua mulher D. Magdalena de Bourbon, filha do 2.º conde, dos quaes procedem os actuaes. Esta familia, hoje representada pelo sr. D. Manuel de Noronha e Brito, 9.º conde dos Arcos, traz a sua origem de D. Affonso, conde de Gijon, filho bastardo de D. Henrique II, rei de Castella, e de D. Isabel, filha illegitima do nosso rei D. Fernando I.

A unica parochia que ha na villa é consagrada ao Salvador. Esta egreja foi reedificada por el-rei D. Pedro II nos fins do seculo XVII, consignando para essa obra os rendimentos do direito do sal.

A *egreja da misericordia*, fundada pelos annos de 1595, é o edificio mais notavel da villa. Ergue-se na extremidade d'esta sobre a estrada que conduz a Braga. As suas capellas são guarnecidas de obra de talha doirada. O frontispicio do templo foi demolido completamente e feito de novo na primeira metade do seculo passado. Deu motivo a esta obra não o mau estado da frontaria, mas sim a devoção do povo para com uma imagem da Virgem que existia sobre a porta, e que, por esta circumstancia, era e é denominada *Nossa Senhora da Porta*. Os devotos, querendo dar-

lhe mais decorosa collocação, projectaram e levaram a effeito, por meio de esmolas, a reconstrucção da fachada do templo, sob um projecto mais nobre; na qual a imagem ficou tambem sobre a porta, porém dentro de um nicho ou tabernaculo mais espaçoso, e melhor ornamentado que o primitivo.

Contiguo á egreja da misericordia está o hospital administrado pela mesma confraria, cujo serviço é feito com boa ordem e aceio.

Os outros edificios religiosos são: a *egreja do Espirito Santo*, pertencente a uma confraria de clerigos pobres; varias ermidas na villa e nos suburbios, e o edificio do extincto *convento de frades capuchos da provincia de Santo Antonio*, o qual foi fundado por Bento Cerveira Bayão, em 1678.

Além da praça principal, que é guarnecida de casas sobre arcadas, conta esta villa tres bellos campos: o primeiro entre a egreja parochial e a do Espirito Santo; o segundo fica no centro da povoação, e n'elle se acha a *casa da camara;* e o terceiro contiguo á porta de S. Braz. O *pelourinho* é um curioso monumento do seculo XVI. Esteve primeiramente no meio da praça principal; depois foi mudado para um local junto do rio, mas fronteiro á mesma praça. N'aquelles tres campos fazem-se os mercados e feiras annuaes, a que concorrem muito povo, muitos generos e gados.

É abastecida abundantemente a povoação de excellente agua, tendo muitas fontes dentro em si e nos arredores. Possue um theatro e um club, onde se encontram diversos jornaes politicos e litterarios.

Communicam-se as duas margens do Vez por uma ponte de pedra, que, embora não sobresáia por bellezas de architectura, é, comtudo, notavel pela solidez de construcção, pois que tem resistido, sem padecer damno consideravel, a algumas cheias memoraveis que destruiram na provincia do Minho varias pontes que pareciam solidamente construidas. Não sabemos a epocha em que foi edificada, mas é antiga. No verão passa-se o rio a váo facilmente por meio de umas poldras ou passadeiras, que chamam da *Baléa*, e ficam em frente do pelourinho e praça principal.

Os arrabaldes da villa dos Arcos são muito amenos e formosos. Por toda a parte rebentam mananciaes, serpeiam regatos, e sussurram grossas levadas. Aos prados, sempre verdejantes, que acompanham o curso do rio, fazem cercadura longas fileiras de carvalhos e castanheiros, por onde trepam e se entrelaçam as vides. Os caminhos publicos correm toldados pela ramagem das arvores que debruam os campos. Vestem-se as collinas e oiteiros ao longe com a densa copa das devesas. As margens do rio, finalmente, cobrem-se da pomposa vegetação de mil plantas rasteiras, que ora se espelham, ora se banham na corrente fugitiva á sombra de arvores annosas.

A fertilidade do terreno eguala a belleza das paizagens. Não o ha melhor em todo o Minho, nem mais regado de aguas cristallinas. Cereaes, e especialmente milho; legumes; vinho; frutas e linho, são as principaes producções do concelho. Cria-se n'elle muito gado de variadas especies, mas sobre tudo vaccum. Os montes abundam em caça rasteira e do ar. No rio pescam-se trutas, enguias, bogas e escálos.

O rio Vez nasce nas montanhas de Peuella, no concelho dos Arcos. Banha, perto da sua fonte, o *Val de Poldros;* e depois atravessa os campos do *Val de Vez;* passa junto da villa dos Arcos, e vae lançar-se, d'ahi uns cinco kilometros, no rio Lima, proximo de S. Pedro do Souto. N'este pequeno trajecto recebe o tributo de varias ribeiras.

A villa dos Arcos de Val de Vez é cabeça de comarca, e conta uns 1:700 habitantes. Acha-se hoje em facil communicação com a cidade de Braga, e, por conseguinte, com as principaes povoações da provincia, por effeito de uma excellente estrada macadamisada, que, continuando em construcção, brevemente a ligará á villa e praça de armas de Valença.

A gravura que publicámos é cópia de uma photographia da collecção do sr. Seabra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

D. FR. CAETANO BRANDÃO

ARCEBISPO DE BRAGA

(Vid. pag. 100)

III

Ao cabo de trabalhosa viagem, em que teve por companheiro o novo governador nomeado para a capitania do Pará, Martinho de Sousa e Albuquerque, chegou D. Fr. Caetano Brandão á sua diocese, aportando em 20 de outubro de 1783 á cidade de Santa Maria de Belem, capital do estado. No dia immediato desembarcou, fazendo desde logo a sua entrada publica, e dirigindo-se á cathedral, ahi, invocadas as bençãos do Eterno, tomou posse do bispado com as solemnidades e ceremonial do estilo.

Determinado como estava a occupar-se incessante e exclusivamente do desempenho da alta missão a que a Providencia o chamára, propoz-se para norma invariavel da sua vida e acções o que a historia nos relata dos pastores da primitiva egreja. Nos bispos dos aureos seculos do christianismo procurava os modêlos que pretendia imitar, como aquelles que de mais perto seguiram as doutrinas do evangelho, e as tradições apostolicas.

Ao entrar na administração de tão vasta diocese, que em seus limites abrangia um circuito excedente a mil legoas de extensão, em grande parte inaccessivel, o novo prelado tratou de adquirir conhecimento individual e perfeito de todas as necessidades do seu rebanho, no intento de prover sobre cada uma do melhor modo possivel.

O resultado das investigações que n'este sentido emprehendeu era em extremo desanimador, e bem capaz de contristar-lhe a alma. Não havia senão faltas, miserias e abusos. Os ministros da egreja, em numero insufficiente para as precisões do bispado, eram em geral pouco instruidos, e só se distinguiam pela devassidão de costumes. Muitas parochias careciam de curas ou vigarios, e outras estavam occupadas por sujeitos indignos. A educação da infancia desvalida era coisa de que ninguem cuidava. O fogo da caridade jazia amortecido, e proximo a extinguir-se de todo. Os indigentes e miseraveis raramente encontravam quem d'elles se condoesse; e quando accommettidos de enfermidade, morriam ao desamparo, sem abrigo, nem sombra de conforto.

Tudo isto necessitava de remedio urgente e providencias efficazes. Cumpria restaurar a disciplina ecclesiastica, cortando pelos abusos introduzidos; promover a reformação geral dos costumes, e mais particularmente a instrucção e morigeração dos sacerdotes; soccorrer e consolar os infelizes; e prover á sorte dos enfermos desamparados e dos orphãos indigentes.

Mas para occorrer a tamanhos males escasseavam os meios e cresciam as difficuldades. Perante ellas houveram soçobrado, sem dúvida, outros animos menos robustos e dotados de menos fé; porém D. Fr. Caetano Brandão confiava de sobra no favor da Providencia, e havia em si muita energia de vontade para deixar-se acobardar. Tratou, pois, de vencer os obstaculos á força de dedicação e perseverança, repartindo por tudo seus cuidados, e fazendo chegar a toda a parte os influxos da sua acção benefica.

O primeiro objecto a que teve de attender foi a reor-

ganisação do seminario episcopal, estabelecimento importantissimo, e que se achava quasi desmantelado. Tinha para si, e o repetia muitas vezes, que a raiz da felicidade de qualquer diocese está em ter um clero edificante, e convenientemente preparado; e, sobre tudo, parochos dignos do nome, que instruam as suas ovelhas com a palavra, e as edifiquem com o exemplo. Se era inexplicavel a sua alegria ao saber que tinha no bispado um bom parocho, a quem considerava (dizia) como um penhor dulcissimo das divinas misericordias para consolação da egreja, tornava-se inexoravel para com os ruins, e promettia fazer-lhes guerra de fogo e sangue em quanto a vida lhe durasse, considerando-os como um dos mais terriveis flagellos com que a colera divina póde castigar um povo.

O seminario foi, pois, melhorado de prompto, com os reparos e obras materiaes de que muito necessitava. Teve estatutos, que lhe faltavam, e foram n'elle creadas novas cadeiras, estabelecendo-se um curso regular de estudos de grammatica, philosophia e theologia, que deveria ser ainda ampliado, logo que as circunstancias o permittissem. Tratou ao mesmo tempo o novo bispo de augmentar-lhe as rendas patrimoniaes; e como para esse fim pouco podia separar dos rendimentos da mitra, cuja totalidade não excedia annualmente a quatro mil cruzados, houve de recorrer ao governo; e conseguiu do ministro Martinho de Mello e Castro a expedição de um aviso para ser applicado áquelle effeito o producto do espolio do bispo seu antecessor, D. Fr. João Evangelista Pereira. Com estas providentes disposições o seminario prosperou, de sorte que o numero dos alumnos, que era de quatro em 1783, subiu a vinte nos annos subsequentes, manifestando-se por todos os modos os felizes resultados d'esta util instituição.

Contente da sua obra, o virtuoso prelado não cessava de protegel-a, multiplicando as provas do interesse que por ella tomava. Como tinha o seminario de portas a dentro, não só frequentava as aulas quasi todas as tardes, para observar o adiantamento dos collegiaes, animando e premiando os que mais se distinguiam, mas visitava estes muitas vezes nos proprios quartos, saía com elles a passeio, e todos os dias convidava tres por seu turno, com os quaes repartia o repasto da sua mesa frugal.

Porém não eram só os aspirantes ao sacerdocio que n'esta parte attrahiam os seus desvelos. Conscio de quanto importava generalisar a instrucção publica, expellindo a ignorancia crassissima que reinava em todo o estado, favoreceu tambem quanto póde a creação de escholas de primeiras letras, ao menos nas villas principaes do bispado. Infelizmente para os seus desejos, não foi muito o que conseguiu, por mingoa de concurrentes ás cadeiras. A congrua de oitenta mil réis, estabelecida para os mestres, era sobremaneira insufficiente para homens que se impossibilitavam de exercer conjunctamente outra profissão ou modo de vida. Elle o reconhecia e confessava com dor; mas faltavam-lhe os meios de obviar esta invencivel difficuldade.

Outro empenho dos seus pastoraes cuidados foi o de acudir ás necessidades dos enfermos pobres, a quem a caridade negára até alli os soccorros indispensaveis. Assistia-lhes por sua parte com consolações e esmolas, visitando-os pessoalmente nos proprios domicilios; porém quanto não custava ao seu coração compassivo saber que muitos nem o abrigo de uma casa tinham, expostos a morrer extenuados de miseria e desamparo! Para estes tornava-se de maior urgencia a fundação de um asylo publico, pensamento humanitario que outros haveriam tido, mas que ninguem tratára de realisar. Concebeu-o D. Fr. Caetano Brandão, e o executou com a celeridade e efficacia, que são n'estes casos meio caminho andado. Mal contava cinco mezes de residencia na cidade, e a erecção do hospital começava sob os mais favoraveis auspicios. Poz elle proprio em um papel o seu nome, com a quantia de 100$000 réis, e saindo a pedir esmola pelos moradores, acompanhado do seu clero, ajuntou em breves dias seis mil cruzados, e muitos donativos e offertas em generos e materiaes, com a promessa de outros, de sorte que no principio de 1784 póde dar começo ás obras, comprando por 750$000 réis um terreno com principio de edificação, em sitio apropriado. E tal foi a affluencia dos paraenses em acudir ás vozes do seu pastor, para com elle associarem-se na realisação de tão louvavel projecto, que a 25 de julho de 1787, passados apenas tres annos, achava-se tudo concluido, abrindo-se o hospital com grande solemnidade e festas, que duraram tres dias; tendo-se dispendido nas obras passante de trinta mil cruzados, e sem que, todavia, fosse necessario gastar um real do fundo primitivo!

Cumpria, porém, assegurar ao novo estabelecimento os meios da sua futura manutenção; e para isso recorreu o bispo ao governo, propondo, entre diversos arbitrios, o de que para elle concorressem annualmente os padres mercenarios do Pará com quatro mil cruzados, e se lhe applicassem as fazendas de gado que haviam sido dos jesuitas, e que estavam em poder de particulares, a quem fôra concedido usufruil-as até ulterior e definitiva determinação.

Lembrou-se tambem de instituir na cidade (generalisando-a depois a outros logares da diocese) uma confraria de caridade, da qual se declarou protector perpetuo, encommendando a seus successores que fizessem outro tanto, nos estatutos com que a dotou. Todos os sabbados, depois das Ave-Marias, pegando elle proprio de uma alcofa, saía pelas ruas com os demais irmãos ao peditorio das esmolas para o sustento dos doentes pobres.

Após a organisação do seminario e fundação do hospital, entrou a pôr em pratica outro projecto, de não menor alcance, que tambem concebêra: era o de presentear egualmente a sua diocese com um estabelecimento destinado para educação das meninas. Eis como elle explicava a sua idéa, e os passos dados para a realisar, em carta dirigida a seu amigo A. C. do Amaral: «Corta-me o coração ver tantas meninas pobres, sacrificadas á prostituição e á desgraça eterna, por falta de ensino; que é uma lastima o que se vê por toda a parte, porém nas terras do ultramar mais deploravel sem comparação nenhuma. É preciso ter o coração de pedra para não sentir tamanha calamidade! E então eu, que geralmente sou sensivel, e pela obrigação do meu officio, vejo estes espectaculos a cada hora, como poderia deixar de lhe applicar algum remedio? Ao menos tento os meios de diminuir a somma dos males que opprimem uma e outra republica, christã e politica. O que pretendo fazer é um seminario para educar meninas pobres e orphãs, ou ainda aquellas que seus paes quizerem, para saírem d'alli instruidas nas verdades da religião, e em tudo o que póde servir de ornamento a uma mãe de familia... Ahi me lancei já a pedir pelas portas da cidade, com assaz custo da parte da natureza, por estarem ainda frescas as pisaduras do hospital!... Mas pareceu-me que era vontade de Deus; não pude resistir mais tempo. Tenho já para cima de cinco mil cruzados, e um bello chão sobre o mar: não são maus principios. Eu lhe contarei o que Deus vae obrando a este respeito.»

As suas visitas pastoraes, e inesperada transferencia do bispado, não lhe concederam o tempo necessario para que levasse ao fim este piedoso e util commettimento.

Sabia o illuminado prelado, que uma das mais indispensaveis e importantes obrigações do episcopado

é a visita das dioceses, cuja necessidade e importancia cresciam na do Pará á medida da immensa e inculta extensão d'ella. E tanto havia tomado a peito o cumprimento d'essa obrigação, que já em Lisboa cuidára de solicitar do governo os meios de transporte que lhe facilitassem as viagens ao sertão, conseguindo levar comsigo ordens para que lhe apromptassem as camas precisas, e se lhe subministrassem os demais auxilios necessarios, etc.

Apesar do seu ardente desejo, taes foram os embaraços, provenientes da falta de transportes, e das occupações supervenientes, que só passados quasi dois annos pôde realisar esse desejo, saindo para a primeira visita ao sertão em 2 de julho de 1785. N'ella consumiu cinco mezes, com gravissimos incommodos de saude, além dos da navegação sempre arriscada e perigosa pelo Amazonas, perseguido pela molestissima praga dos insectos, e outras contrariedades, mas com grande fructo espiritual das almas, nos logares que visitou, e que, pela maior parte, nunca haviam sido pisados de bispo até áquelle tempo. Recolheu-se á cidade aos 12 de dezembro do dito anno, quebrantado de grave enfermidade que padecêra, e de que jámais pôde recobrar-se de todo.

Continuou a visita nos annos seguintes, de 14 de outubro a 18 de dezembro de 1786, e 18 de outubro a meiados de novembro de 1787; concluindo-a, a final, de 9 de agosto de 1788 a 8 de março de 1789, chegando d'esta vez até aos logares mais longinquos do bispado, e realisando assim o que nenhum de seus predecessores se atrevêra intentar.

Do conhecimento pessoal por este modo adquirido do estado dos povos, e das suas necessidades, resultaram instantes e judiciosas representações dirigidas á soberana, em que propunha e lembrava os arbitrios convenientes para occorrer não só ao bom regimen espiritual do estado, mas tambem ao soccorro e remedio temporal da pobreza, concitando a expedição de providencias, que só ao governo cumpria tomar.

Forçado como nos vemos a tocar de leve, por falta de espaço, estes pontos notaveis, mais temos que restringir-nos no muito que haveria para dizer, se, tratando de particularisar as acções exemplares do venerando prelado, pretendessemos demorar-nos na commemoração de suas virtudes christãs, entre as quaes resplandeciam em summo grau a total abnegação e desconfiança de si proprio, e a mais ardente caridade para com os outros.

Teriamos de estender por longas paginas a narração das fadigas que empregou no desempenho do ministerio pastoral, já instruindo os povos com suas exhortações por escripto, cheias de saber e doutrina, já fazendo ouvir a sua voz nos templos, em homilias e prégações quotidianas, nos domingos e dias festivos de manhã e de tarde na cathedral, e nos de semana pela noite nas outras egrejas e capellas da cidade, onde alternadamente concorria, para intimar a seus ouvintes as verdades da fé e os preceitos da moral.

Fallariamos dos esforços com que diligenciava congraçar os animos discordes, e pôr termo a odios e malquerenças, chamando á sua presença os que andavam mal-avindos, para admoestal-os caritativamente com entranhas de mestre e brandura de pae, ponderando-lhes o seu estado, e dando-lhes saudaveis conselhos, de que raras vezes deixava de sortir o effeito desejado.

Nem seria para esquecer o espirito de moderação e brandura verdadeiramente evangelica, com que se conservou sempre na melhor intelligencia e harmonia com as auctoridades e funccionarios seculares, fazendo todo o possivel por evitar conflictos, e disposto aos mais heroicos sacrificios para manter inalteravel a paz e concordia entre os dois poderes. As suas maximas n'esta parte, como em tantas outras, bem mereciam servir de espelho a seus collegas. «Deus (dizia) instituiu no mundo dois poderes: a um deu em partilha a coacção externa sobre os corpos, por meio de penas temporaes; ao outro a persuasão interior dos espiritos, mediante a instrucção e o ensino... e se lhe armou a mão do raio da censura, sabe-se perfeitamente qual é a natureza d'esta pena, que não tem efficacia senão relativamente á eternidade. Não ignoro que os principes, por acatamento á egreja, depositaram em tempo nas mãos do clero uma parte da sua jurisdicção temporal; porém se elles hoje, zelosos de seus direitos, parecem arrepender-se d'este lance de piedade, já publicando leis de um estilo contrario á pratica estabelecida, já facilitando recursos do tribunal ecclesiastico ao politico, e por outros differentes modos, não lhe resistâmos: voltem as coisas á sua origem, e esteja cada um firme no seu posto. Talvez que assim a egreja se fará invulneravel aos golpes do inferno, e nós teremos o gosto de ver renascidos os tres primeiros seculos da sua juventude e do seu vigor; seculos em que as funcções todas dos pastores se reduziam a ensinar, baptisar, corrigir, impor penitencias e remittil-as, segundo o pedia a utilidade publica e o fervor dos culpados: nada mais. Oh doce illusão! Quando chegarei a ver-te realisada?...»



Fig. 1 — Estatua de Vesta, deusa do fogo

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O FOGO

I

CULTO DO FOGO NA ANTIGUIDADE

O que é o fogo? Que significação deveremos dar a esta palavra? Segundo a sciencia moderna, de accordo com a opinião geral, é a reunião do calor e da luz; é, portanto, o principio da vida dos seres vegetaes e animaes.

Os primeiros homens não conheceram senão o fogo do sol. Segundo a mythologia, Prometheu roubou um raio ao sol, cujo fogo, assim transportado á terra, aqui foi conservado e adorado como uma divindade. Hoje, pelos progressos das sciencias e das industrias, temos mil diversos modos de o produzir e multiplicar. É com o fogo que o homem se transporta nos caminhos de ferro com a velocidade de algumas dezenas de kilometros por hora; que os mares são sulcados

por centenares de navios em todas as direcções, a despeito das correntes e dos ventos; que o pensamento se transmitte quasi instantaneamente de um a outro ponto da superficie do orbe terrestre; em fim, é o fogo a causa que permitte realisar todos os prodigios que hoje admirâmos. Em vista d'isso, não parecerá ousado dizer que hoje ainda não podêmos obter outro fogo senão o do sol? e que em pleno seculo dezenove venhamos dar razão á tradição mythologica? Tal é, porém, a conclusão a que chegou a sciencia moderna, como mostraram Tyndall e Troost, o primeiro nas suas conferencias no instituto real de Londres, o segundo na universidade *(Sorbonne)* de Paris; tal será, espero, a convicção do leitor, se tiver a benevolencia de ler estes artigos.

Em todas as epochas os philosophos admiraram o poder d'esse agente que denominaram fogo, a que nada resiste, e que é indispensavel para a conservação e desenvolvimento dos seres vivos. Os povos primitivos consideravam o fogo como um dos quatro elementos do universo. Suppunham que o fogo, a agua, o ar e a terra eram os elementos que davam origem a todos os corpos. A sciencia moderna chama elementos ou corpos simples áquelles de que se não póde tirar senão uma mesma especie de materia; taes são, por exemplo, o enxofre, o ferro, o cobre, etc.: nenhum dos elementos dos antigos se póde actualmente considerar como corpo simples; são todos corpos compostos.

Os antigos adoravam o fogo como uma divindade. Vesta era a deusa do fogo, ou o fogo mesmo, porque o nome de *Estia*, que lhe davam os gregos, significa fogo domestico.

Vesta era tambem confundida com a terra, por isso eram redondos os seus templos; e tinha razão a mythologia, porque a terra foi fogo na sua origem, e ainda hoje o conserva no seu interior: assim o exprime o nosso eminente poeta Antonio Feliciano de Castilho nos *Fastos de Ovidio:*

Terra e Vesta são uma. Eterno fogo
arde em ambas occulto: a fórma do orbe,
e o templo que é rotundo, e o lar em meio,
tudo a augusta presença está mostrando.



Fig. 2 — Templo de Vesta em Roma

A conservação do fogo nos sacros altares dos templos na Grecia e em Roma era confiada aos cuidados de virgens que se denominavam *vestaes*. As virgens exerciam no Occidente as funcções de sacerdotizas do fogo, como os magos dos persas exerciam no Oriente as funcções de sacerdotes do fogo. Nos templos de Vesta não havia estatua alguma; no meio existia o altar com o fogo sagrado, que devia durar eternamente; no caso de se extinguir, só podia reaccender-se com o fogo do ceo. As vestaes estavam sujeitas a regulamentos de uma extrema severidade. Aquella que deixasse extinguir-se, falto de alimento, o fogo sagrado, era enterrada viva. A austeridade das penas impostas ás vestaes mostra a superstição cega em que se baseava, quando se pensa no supplicio barbaro imposto áquellas que, violando o voto de virgindade que voluntariamente se tinham imposto, tivessem cedido aos sentimentos da natureza. Mas se a lei punia severamente as vestaes que faltassem a alguma das prescripções do culto, tambem lhes concedia as maiores honras e as mais consideraveis prerogativas: assim não estavam sujeitas á tutoria paternal; as suas palavras faziam fé; a sua presença perdoava aos condemnados, etc. As vestaes eram escolhidas nas raparigas de seis a dez annos, de corpos os mais bem formados, e de familias illustres. Em Roma deviam todas ser romanas, sendo excluidas as de todas as outras cidades do imperio.

O culto de Vesta era principalmente celebrado em Corintho, Tenedos, Delphos, Argos, Epheso, Roma, etc. O templo de Vesta em Roma estava aberto de dia para toda a gente; mas de noite nenhum homem n'elle podia entrar.

A figura 2 representa o templo de Vesta em Roma, situado perto do rio Tibre, no logar hoje denominado *Piazza della Bocca della Verità*. Era de fórma circular, e compunha-se de vinte columnas corinthias cannelladas em marmore de Paros, tendo os capiteis ornados de pinhas, um dos attributos de Vesta. Este antigo monumento, que se julga ser do II seculo do imperio romano, acha-se bem conservado, faltando só a parte superior e uma das columnas. O portico está fechado por um muro, cujo revestimento interior é de recente data. Pretendem alguns que é a este templo que se referem os seguintes versos de Horacio, que dizem respeito a uma inundação do Tibre:

Vidimus flavum Tiberim
Ire dejectum monumenta Regum
Templaque Vestæ.

O templo de Vesta em Roma acha-se hoje consagrado ao culto catholico; tendo primeiro tido a invo-

cação de Santo Estevão, está agora dedicado a *Santa Maria del Sole*.

Defronte do templo de Vesta, do lado do norte, achava-se o famoso templo da Fortuna Viril, construido no reinado de Servio Tullio, hoje convertido em egreja, e dedicado a Santa Maria Egypciaca.

Vulcano, deus do fogo, filho de Jupiter e Juno, tinha as suas forjas na Sicilia e nas ilhas Lipares. Attribuiam-lhe as obras as mais grandiosas.

Nas Galias o fogo era continuamente alimentado no altar de Jupiter-Taranis; as druídas a quem era confiado o cuidado de conservar o fogo eram uma especie de vestaes.

Nas Indias os bramanes ou sacerdotes suppõem que, no fim de um grande numero de annos, o mundo será consumido pelo fogo; que *Chiva*, um dos seus primitivos deuses, se transformará n'uma chamma que sobrenadará ás cinzas do universo. Para celebrar a festa de Lingam, symbolo do principio creador, os indios accendem todos os annos um fogo consideravel, que dura tres dias e tres noites, e que é entretido principalmente por meio da camphora.

Na Sagrada Escriptura apparece frequentes vezes a denominação de fogo, e mais ou menos ligada á presença de Deus. Assim diz Moysés aos israelitas: «O vosso Deus é um fogo abrasador.» Quando, no monte Horeb, apparece Deus a Moysés, é no meio de *uma sarça ardente;* é no meio do fogo que, no monte Sinai, apparece Deus a Moysés e lhe dicta as taboas da lei.

Nos povos mais modernos ainda vemos vestigios de uma adoração ao fogo; assim as fogueiras a Santo Antonio, S. João, etc., são uma homenagem ao sol na epocha em que elle mais se eleva nos paizes do nosso hemispherio.

O nosso illustre escriptor e estadista, Mendes Leal, elegantemente descreve nos seguintes versos as galas e esplendores do sol quando mais se eleva nos nossos climas:

Já de Cancer ardente
O fecundo calor
Amadurece os trigos
E vae córar a flor.
Ufana de seus dons,
Risonha, a natureza,
Reveste, em vindo a aurora,
As galas da belleza.
O estio em seu throno,
Como em corte, irradia
As pompas, ostentando
O fogo e a luz do dia.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

O CASAL DA ENCOSTA

I

Oliveirinha é uma pequena povoação situada nas proximidades das abas da serra da Estrella. O seu aspecto, como o de todas as aldeotas e logarejos da Beira, é um pouco sombrio. Entristece-se o animo do viajante quando, ao atravessar esta provincia, aliás tão graciosa e pittoresca, avista em distancia ou defronta de improviso o povoado.

Provém isto do preço da cal, tão alto n'aquellas paragens, que só os abastados podem alegrar com uns longes de alvura o exterior das suas habitações.

Se no fundo do valle, no pendor da encosta ou no cimo do monte, entre a verdura dos castanheiros e olivaes, tão bem tratados n'aquelle abençoado torrão do nosso paiz, alvejassem aqui o logar, acolá o casalejo, além a aldeia com a ermida no alto, quanto mais bello não seria o panorama!

A impressão soturna que á primeira vista nos produz a apparencia carregada das habitações, desapparece logo que temos a boa fortuna de travar conhecimento com os seus joviaes moradores.

Tudo alli é franco, desde o aperto de mão até á mesa, que se não limita á *vacca* e *riso* do nosso prelado bracarense.

Nos primeiros dias de agosto de 1862 estava eu hospedado em Oliveirinha, e corriam-me as horas bem felizes no seio d'aquella apartada e serena estancia.

A casa principal da povoação é da familia do meu amigo João Costa de Albuquerque.

Eu estava n'essa casa.

Compunha-se a familia alli existente de cinco pessoas: João e Luiz Costa; um sobrinho de treze annos, filho de seu irmão mais velho; sua mãe, respeitavel e affectuosissima senhora, e uma irmã solteira. Devo accrescentar, como fazendo parte da familia, o honrado Silva, administrador da casa, homem já avançado em annos, e que alli tem vivido zelando a fazenda, e, não raro, a existencia dos que são para elle como filhos e como irmãos.

A habitação é grande, a entrada larga como o animo de seus moradores.

O meu quarto era o mais garrido e loução da casa.

Na Beira observam-se ainda os usos dos bons tempos que já lá vão. Almoço ás sete, jantar á uma, ceia ás nove. A alta civilisação de hoje faz o mesmo, á parte os nomes: a differença consiste em chamar ao jantar *lunch* e á ceia jantar.

Ás vezes, e contra todos os preceitos da boa philosophia, que estabelece a lei do progresso constante, atrevo-me a suppor que o mytho de Sisypho é o symbolo da humanidade. Aquelle, rolando o rochedo até ao alto do monte para, em chegando ao ápice, vêl-o voltar sobre si e despenhar-se outra vez; esta, accumulando theorias, estabelecendo principios, creando systemas, suando noite e dia para terminar a grande obra; e, quando julga levar a cabo os seus esforços, sentir estremecer, desmoronar-se debaixo dos pés o edificio, e depois começar de novo a reconstruir com os fragmentos d'aquella civilisação outra civilisação que terá por destino o mesmo fim!

Isto, felizmente, não passa de uma preoccupação do meu limitado espirito; o homem progride sempre porque tem a faculdade de legar idéas e os beneficios que por meio d'ellas alcançou.

A que proposito vieram estas observações? A proposito do almoço e jantar beirões, que eu posso assegurar ao leitor serem mais succulentos, não só do que a minha pobre philosophia, porém até mesmo que a de todos os philosophos transcendentes.

As casas da Beira tem todas uma grande varanda.

A de Oliveirinha deitava para o jardim. Sobre a esquerda estendia-se a veiga, e lá no fundo, n'um alto, avultavam a distancia as torres de Midões. Midões dava assumpto para centos de romances mais sombrios e sanguinolentos do que o Han de Islandia ou a torre de Nesle.

A primeira vez que entrei n'aquella villa senti cerrar-se-me dolorosamente o coração. Mais tarde exporei ao leitor algumas das scenas que se deram em parte da grande bacia que fica entre o Caramulo e serra da Estrella, scenas nas quaes Midões representa os principaes papeis.

Na varanda tomava-se o café e passavamos em agradavel conversação até ás cinco da tarde. Eu e João Costa tinhamos abolido a sésta. Por singular fineza, o padre prior dormia só duas horas sobre o jantar, e toscanejava as outras duas ouvindo a nossa palestra com a heroicidade de um martyr.

Se aquillo continúa, o santo homem vinha a ser victima do supplicio que antigamente infligiam aos parricidas em Hespanha.

Passada a força do dia, o prior acordava de todo, punha rede, chumbeiro e polvarinho a tiracolo, e ambos iamos espantar perdizes. O padre não infringia os canones; a espingarda nas mãos d'elle era tão inoffensiva como o seu baculo de bom pastor.

Uma tarde em que nos tinhamos alargado mais perseguindo uma banda de perdigotas, das quaes, diga-se para honra dos nossos sentimentos humanitarios, nem uma largou penna, sentámo-nos um pouco fatigados no cimo de uma encosta. D'essa vez eramos quatro os companheiros da excursão venatoria.

O dia fôra ardentissimo, e só n'aquella hora principiou a correr do lado da serra uma aragem refrigerante, que vinha, não impregnada no perfume suave das flores dos jardins na primavera, mas no cheiro acre, e porventura mais salutar e agradavel, da charneca brava.

Esperámos alguns minutos sofreando a sêde até que a fomos saciar n'uma veia de agua cristallina e nevada, que, a poucos passos de nós, saía em borbotões da rocha viva. Sentámo-nos outra vez para accender e saborear o cigarro.

A luz apagava-se nos valles, desmaiava nas encostas, porém brilhava ainda nos cimos flexuosos da serra, que se estendia a boa distancia de nós limpa de nuvens.

Camillo Castello-Branco, apreciando, muito lisongeiramente para mim, um livrito de *missanga litteraria*, que publiquei ha pouco tempo, disse que eu não sou caçador pelo prazer cruento de erguer do chão uma codorniz ensanguentada e palpitante, mas sim por dar largas á inspiração. É verdade, meu brilhante romancista, do que eu devéras gósto é do valle, do monte, do presbyterio, da toada saudosa dos sinos de quebrada em quebrada, e de fugir ás vertigens que me produz esta vida doentia de Lisboa. No campo largo as azas á imaginação — quem mais ou menos a não tem! — e phantasio poemas, sonho maravilhas como o maior poeta as sonharia! Depois, quando vou gizar na téla a paizagem, grupar as figuras, combinar as côres e distribuir a luz, em vez de um quadro de Raphael ou Ticiano, sáe-me uma trivialidade; quando muito, uma miniatura de caixa de rapé de velho abastado, que possue em effigie o que já não póde lograr em original. Paciencia! Dou-me por satisfeito com o prazer que sinto n'essas horas de scismadora poesia.

Cá me ficam impressas no espirito as gentis figuras, as graciosas perspectivas que a imaginação debuxou melhor do que todos os paizagistas, e nos dias em que me cérca a prosa vil d'este mundo, abstráio d'elle e volvo os olhos para o mundo das ficções risonhas, do sentir ideal, paraiso vedado áquelles que medem tudo pela bitola das sensações materiaes.

Na hora em que descançavamos no alto da encosta das proximidades de Oliveirinha, caí n'uma d'essas situações do espirito. A pequena distancia de nós, no declivio para o valle, alvejava, em contraste com as habitações da Beira, de cujo exterior fallei já, uma casinha isolada e pobre. Não sei por quê, entrei a phantasiar um romance com os seus moradores, suppondo que ella tivesse moradores. Não os tinha; mas tinha um romance tragico e verdadeiro. Um dos nossos companheiros, notando a attenção com que eu olhava para a casa, disse-me:

— Aquella casa que o sr. d'aqui vê...

— A quem pertence?

— A ninguem.

— A ninguem!

— É verdade, senhor, e aquillo não é uma casa, é um tumulo.

— Um tumulo!?

— Tal qual.

A coisa era dita em tom serio e triste. O meu companheiro fallava da pequena e graciosa habitação com o respeito melancolico que se tributa a uma sepultura.

Remordeu-me a curiosidade.

— Então, disse eu, passou-se alli...

— Uma scena bem horrivel da grande historia d'estes sitios.

— E sabe-a?

— Perfeitamente.

— Se nós fossemos a ella!...

— Nada mais facil estando disposto a ouvil-a.

— Ora se estou!

O meu companheiro começou a narrar, na linguagem sã e pittoresca da Beira, a historia que eu vou contar ao leitor.

II

Terminada a guerra civil de 1834, Henrique da Silva, cavalheiro que tinha servido no exercito realista, voltára para sua casa. Henrique da Silva era o dono da pequena habitação da encosta da Oliveirinha.

Abraçou a mulher e uma filha que estava ainda no berço, e alli se deixou ficar esperando a cada hora que o bando de scelerados que assolavam aquellas povoações, tomando por divisa o nome do partido vencedor, caísse um dia sobre a humilde vivenda, trazendo, como era vulgar, a desolação e a morte. Não tinha meios para se refugiar em Lisboa.

Aguardou os acontecimentos, decidido a succumbir abraçado áquellas que eram no mundo todo o seu bem: a esposa e a filha. Valeu-lhe a Providencia. As bestas ferozes rugiram por muitas vezes em volta da sua habitação, e o soldado realista, n'essas horas de terrivel anciedade, esperava com a espada na mão o instante de morrer luctando, em quanto a mulher com a filha apertada ao peito, e de joelhos diante do pequeno oratorio, implorava a Deus piedade e misericordia!

Passára com o tempo a força do vendaval. O governo tratava até certo ponto de cohibir as scenas de sangue que devastavam aquelle e outros logares do nosso paiz, e dias mais tranquillos despontavam, em fim, para o infeliz amnistiado.

O modesto casal, herança de seus maiores, retribuia agradecido os cuidados com que elle o tratava. Henrique da Silva não tinha grandezas; mas tambem a miseria andava longe de seu lar.

Decorreram quatro annos. Rosinha, a filha, que era o enlevo da mãe e o idolo do santo homem, já o acompanhava á lavoira, levantando-se com os passaros e correndo pelos campos alegre, feliz e descuidada como elles. Ao cair da noite voltava o pae subindo a encosta com ella quasi sempre ao collo, para a deitar nos braços da esposa, que n'um impeto de alegria lhe saía ao encontro, estreitando ao peito, no santo amplexo do amor materno, o seu precioso thesoiro.

Um dia a tormenta surgiu de novo sobre a mansão da paz! A esposa de Henrique caiu enferma, e, no fim de poucos dias, expirou abençoando a filha e recommendando-a aos carinhos do desventurado marido. O soldado realista podia quasi dizer como o nosso Garrett diz nas *Viagens na minha terra*: «Já não tenho n'este mundo senão duas coisas: uma saudade e uma esperança; um filho no berço, uma mulher na cova.»

Henrique, no fim de poucos dias, estava velho. O golpe fôra subito e terrivel. A esposa que Deus lhe havia chamado para si era uma santa. O animo do soldado que tinha contrastado o fragor das batalhas, não raro a nudez e a fome, sem esmorecer, desfallecia em presença d'aquella fatalidade. Se não fosse a filha o infeliz não resistia. As caricias da creancinha, que era o retrato da mãe, desanuviaram-lhe até certo ponto o espirito, e elle sentiu que precisava viver para ella.

Tornou á lavoira.

Rosa era a sua companheira inseparavel. Passaram

annos; estava quasi uma mulher. Lia correctamente, escrevia com supportavel orthographia, e sabia contar. O pae tinha sido o mestre.

As principaes pessoas de Oliveirinha e das povoações mais ou menos proximas estimavam Henrique e adoravam Rosa. Rosa mystica lhe chamava o padre prior quando a beijava ou lhe deitava a benção ao vêl-a em casa, ou ao encontral-a no fim da missa do dia.

Realmente, a filha do velho militar era um complexo de graças e de virtudes.

Alta, delgada, porém robusta. Morena um pouco, ou, antes, com aquelle tom forte, permitta-se-me a palavra de que usam os pintores, que a vida fragueira costuma imprimir nas physionomias. A boca fresca e breve era tão vermelha que o sangue parecia rebentar-lhe dos labios. Os olhos castanhos claros, transparentes, espelho da alma isenta da mais leve sombra de mau pensamento, tinham um ligeiro toque de languidez, ou, antes, de melancolia; não eram morbidos como certos olhos que seduzem e fascinam tanto, olhos em que a luz é um relampago nuncio das tempestades que se agitam no intimo. São temiveis esses olhos — Deus nos defenda d'elles!

Não eram assim os de Rosinha; exprimiam candura, innocencia, ingenuidade, amor... Amor! estava ella acaso na edade de o poder sentir, a não ser o casto amor de filha? Por que não! tinha já quinze annos.

Uma tarde, nos fins de setembro, proximo ao sol posto, Rosa estava sentada n'um banco de pedra, n'um bocado de chão de horta, que ficava ao lado da casa.

As folhas dos castanheiros começavam a amarellecer, e n'um ou n'outro ramo os ouriços, abrindo, mostravam as suas loirejantes castanhas. O ceo estava desassombrado, e apenas algumas nuvens accumuladas no cimo da serra brilhavam com os reflexos do sol ponente.

Nos vinhedos as parras verdejantes mudavam de côr, apresentando n'alguns pontos um vermelho forte, que produzia gracioso contraste com o resto da folhagem.

Rosinha cosia uma peça de linho alvissimo, creado nos agros do casal e teado em casa.

Ao pôr do sol dobrou cuidadosamente a costura, pôl-a no collo, firmou sobre ella o cotovelo do braço esquerdo, encostou a face á mão, e principiou a olhar para as nuvemzinhas que toucavam a serra, cambiando lenta e graciosamente de fórma e de côr.

O respirar era sereno, suaves as ondulações do seio. De repente, alterou-se a respiração, e o seio sublevou-se, batendo com certo alvoroço.

Uma voz murmurou junto d'ella:

— Boas tardes, Rosinha. O pae já veiu da villa?

— Adeus, Fernando. Ainda não. Estou á espera d'elle, disse Rosa, voltando-se para um rapaz que teria, quando muito, mais dois ou tres annos do que ella, e que era o typo de singular formosura.

— Querias-lhe alguma coisa?

— Queria dizer-lhe adeus.

— Adeus! Então vaes-te embora!?

— É verdade. O tio de S. Romão disse a meu pae que, visto eu estar prompto em latim, queria dar-me uma mesada para estudar em Coimbra. Parto ámanhã; vou fazer os preparatorios. Elle disse que não quer que eu seja padre.

— Tambem era o que faltava, tornou ella, forcejando por conter duas lagrimas que lhe rolavam nos olhos, e se conglobavam depois estremecendo instantes na franja das pestanas, puras e cristallinas, como orvalho do ceo.

— Ha dois dias que eu já sabia isto, disse Fernando, quebrando uma vide que tinha na mão, inclinando a cabeça, e pondo os olhos no chão.

Ficaram ambos calados. O mancebo ergueu por fim os olhos marejados de lagrimas, e cravou-os, n'um impeto de amor, nos bellissimos olhos de Rosa, que pela primeira vez se não baixaram encontrando os d'elle.

Passados instantes balbuciaram a um tempo quasi:

— Rosa!

— Fernando!

Não disseram mais nada. Que mais haviam de dizer! um mundo de sensações indefinidas fallava n'aquelles dois nomes pronunciados pela primeira vez assim!

O sino da aldeia começou a bater a *Ave-Maria*. Rosa estremeceu, como acordando de um sonho delicioso, e disse para elle:

— Vamos rezar a Nossa Senhora, Fernando; a Mãe de Deus ha de ter compaixão de nós; fará com que tu voltes breve, e dar-me-ha força para supportar as saudades que tenho de ti.

Oraram ambos. Como o fumo do lar que se erguia em ondulante espiral, aquellas almas subiam nas azas do santo amor para Deus, tendo percorrido n'um momento todos os pontos de gosto intimo que existem na escala finita das sensações humanas.

O velho militar vinha subindo a encosta. Rosa correu a elle, deitou-se-lhe nos braços, e disse soluçando:

— Pae, o nosso Fernando vae-se embora!

Era a confissão espontanea e ingenua do seu amor immaculado.

O pae, apertando-a de encontro ao peito, respondeu-lhe:

— Já sei que vae. Ainda bem, filha; vae ser um homem. Depois, voltando-se para Fernando, accrescentou:

— Estive com teu pae e com teu tio. Não sei qual d'elles te quer mais, e tu basta que sejas o que tens sido até aqui para os fazer felizes. Rosa, vamos á ceia; estou-lhe com vontade. Fernando ceia tambem comnosco.

Passado o primeiro impeto de amor Rosa sentiu que nas palavras que dissera ao pae implicitamente revelára o seu amor. O pejo vinha-lhe em ondas ao rosto. Comprehendeu-a o extremoso velho; deitou-lhe o braço á roda do pescoço, e beijando-a repetidas vezes na face entrou com ella a porta da sala.

(Continua) R. A. DE BULHÃO PATO.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

72.°

Não acho nas grammaticas, nem nos diccionarios da nossa lingua, designada a regra de conjugarmos o verbo *remir* no tempo presente dos modos indicativo, subjunctivo e imperativo. Não nos dizem que seja defectivo; mas o uso não o admitte n'aquelle tempo e modos.

Desejava ser esclarecido, etc. — *Um assignante do Rio de Janeiro.*

RESPOSTA

O verbo *remir* é contracção de *redimir*, e a elle se vão buscar as linguagens que aquell'outro não admitte, por se equivocarem com as do verbo *rimar*. E assim dizemos: *redimo, redimes, redime: remimos, remis, redimem: redime.*

No t. I dos *Sermões* do P. Bartholomeu do Quental, a pag. 56, lemos: «*Redimamos* o tempo como Christo *redimiu* a Virgem... se não a *redimíra* do modo que a *redimiu*. S. Paulo diz que quem assim o *redime* (o tempo) tem razão e tem juizo.»

Mas, para evitar estas irregularidades, o melhor é usarmos do verbo *resgatar*, que tem a mesma significação. SILVA TULLIO.